



"Co-autoria: uma proposta de aulas de escrita para alunos do 7º ano"

OLIVEIRA, Desirê Adrienne

UFMG, Departamento de Letras, desireoliveira1234567@gmail.com

RESUMO: Este trabalho apresenta a análise de uma experiência de produção escrita desenvolvida com alunos de sétimo ano de uma escola pública de Gouveia. Trata-se de pesquisa qualitativa, ancorada na perspectiva dialógica e responsiva da linguagem. A experiência caracterizou-se pela troca de textos entre turmas, quando os leitores fizeram o papel de coautor, propondo alterações para melhoria do texto. O aluno ao receber o texto com as sugestões do colega fez a reescrita acatando ou não as sugestões, incorporando ao seu texto trechos que foram propostos pelo colega/leitor. Os resultados apontam para a importância do trabalho de coautoria no processo de produção de textos.

Palavras-chave: Escrita. Coautoria. Dialogismo. Responsividade.

1. Introdução

A reflexão proposta neste texto pode ser útil para os professores que pretendem aprimorar sua prática no que diz respeito ao trabalho com produção de textos no ensino fundamental. O que se propõe é uma possibilidade de trabalho que esteja de acordo com as teorias linguísticas e metodologias de ensino de Língua Portuguesa hoje em voga.

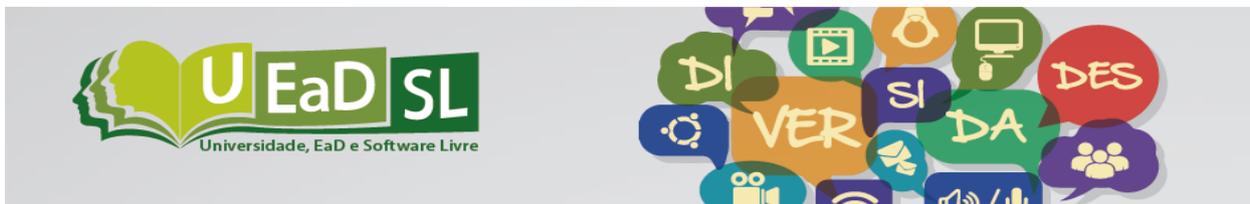
Este artigo aborda o tema da coautoria a partir da observação da sala de aula de uma turma de 7º ano e de atividades propostas na tentativa de ajudar os alunos a sanarem suas dificuldades/resistência em relação à escrita. Discutiremos como uma alternativa simples, o compartilhamento de textos produzidos, pode dar às aulas de Produção de Texto uma nova dinâmica, uma maior aceitação e resultados satisfatórios.

A proposta surgiu diante da dificuldade demonstrada pelos alunos na produção de seus textos. Pensamos em um "outro olhar", um outro leitor, da mesma idade, na mesma série e por isso mesmo, alguém capaz de entender as expectativas, os receios, a dificuldade daquele escritor, e portanto, com melhores condições de ajudá-lo de forma mais eficaz.

Em relação aos textos produzidos esperamos que os alunos sejam autores capazes de se expressarem através da escrita. O papel do professor é ser o suporte, um mediador que busca alternativas que proporcionem ao aluno/autor crescimento e melhora efetiva de seu texto.

2. Fundamentação Teórica





Ressignificar o ensino da escrita é condição fundamental para que as aulas de produção de texto passem a conquistar o respeito dos alunos e possam ganhar a adesão desses. É por meio da intervenção mediadora do professor que teremos um sujeito-autor de textos.

Se trabalhamos nas aulas de produção de textos com a escrita dos alunos, antes de qualquer coisa, precisamos pensar no conceito que temos de texto. Costa Val (2006, p.3) leva em conta a ideia de textualidade. Para ela, texto é uma ocorrência linguística “dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal”. O texto é produzido para comunicar algo, para isso precisa ser um todo significativo. Aspectos como continuidade, progressão, não-contradição, coesão, coerência, intencionalidade e aceitabilidade precisam estar relacionados no texto.

Geraldi (2012, p. 128) esclarece

Para mantermos uma coerência entre uma concepção de linguagem como interação e uma concepção de educação, esta nos conduz a uma mudança de atitude _ enquanto professores _ ante o aluno. Dele precisamos nos tornar interlocutores para, respeitando-lhe a palavra, agirmos como reais parceiros: concordando, discordando, acrescentando, questionando, perguntando, etc. Note-se que, agora, a avaliação está se aproximando de outro sentido: aquele que apontamos em relação ao uso que efetivamente, fora da escola, se faz da modalidade escrita.

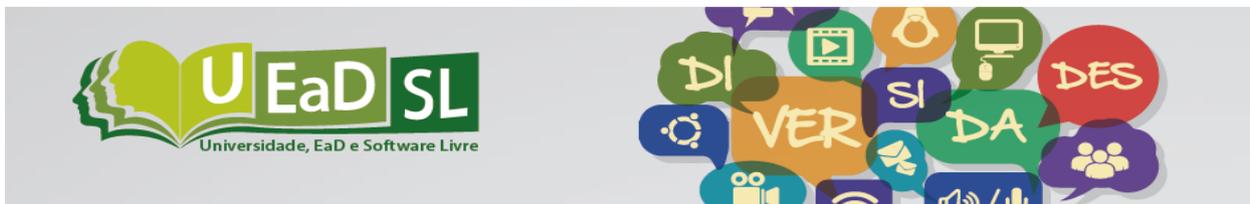
As aulas de produção de texto precisam contar com o interesse dos participantes, caso contrário, dificilmente eles se expressarão e, assim, dificilmente ousarão experimentar, produzir textos. Para que isso de fato aconteça, os alunos precisam se enxergar no papel de autores. Costa Val entende que

Quem escreve leva em conta para quem, para quê, onde e quando está escrevendo e também em que situação seu texto será lido. É particularmente importante, para o autor de um texto escrito, prever quem será o seu leitor _ o que ele sabe e o que deixa de saber, o que espera encontrar naquele texto, com que disposição entra nesse jogo comunicativo. Em função das respostas que imagina para essas questões, é que o autor decide (e geral, não conscientemente) sobre o que e como vai escrever, selecionando suas opções no intuito de melhor concretizar seus objetivos e produzir no leitor os efeitos desejados (COSTA VAL et al. 2009, p. 94).

De acordo com Suassuna (1995, p. 45) “A anulação do que há de dialógico e interacional na linguagem acaba por distorcer, inclusive, a própria finalidade da escrita como um ato de interlocução”.

Ruiz esclarece que:

É bastante diferente a situação de um aluno que escreve, na escola, para atender a solicitação do professor, da situação vivida pelo aluno que escreve para um leitor que não tem, por princípio, uma aferição. É evidente a postura com que este realiza as tarefas de escrita e reescrita e noutro contexto. (Ruiz, 2012, p. 17)



O aluno precisa entender as aulas de produção de texto, encontrar sentido para o que escreve, o que produz, é o primeiro passo. Assim, as aulas fazem sentido, o que é proposto faz sentido, o aluno vê relação entre o escreve na escola e fora da escola também.

Soares (1998) diz:

Ao permitir que o sujeito interprete, divirta-se, seduza, sistematize, confronte, induza, documente, informe, oriente-se, reivindique, e garanta a sua memória, o efetivo uso da escrita garante-lhe uma condição diferenciada na sua relação com o mundo, um estado não necessariamente conquistado por aquele que apenas domina o código.

Ao trabalhar com atividades de reescrita de texto, enquanto professores, precisamos saber que essa atividade não pode ser confundida com uma atividade de somente passar o texto a limpo, Menegolo e Menegolo explicam:

Ensinar a revisar é completamente diferente de ensinar a passar a limpo um texto corrigido pelo professor. No entanto, mesmo assim, ensinar a revisar é algo que depende de se saber articular o necessário (em função do que se pretende) e o possível (em função do que os alunos realmente conseguem aprender num dado momento (MENEGOLO e MENEGOLO, 2005, p. 74).

O trabalho da reescrita, quando realizado conjuntamente entre professor e aluno, permite a uma outra visão do texto, ele é levado à reflexão acerca do uso da língua e tem a possibilidade de compreender que o texto não é um produto acabado. Menegolo e Menegolo (2005) ainda explicam a importância de todo esse processo. Segundo eles, a reescrita

[...] provoca o diálogo do sujeito-autor com o seu produto criado, possibilitando um relacionamento mais interativo com seu próprio texto (confrontamento, aguçamento e exclusão de enunciados). O aluno sai, ao reescrever, do estágio emocional (inspirativo), que gera a primeira escrita, e passa ao estágio de maior racionalização sobre o que foi materializado (MENEGOLO e MENEGOLO, 2005, p. 74).

A reescrita é um processo de produção de texto cujo objetivo maior é o “melhoramento” do texto original, mantendo-se sua estrutura básica, buscando adequá-lo aos objetivos propostos e assim cumprir o papel que cabe ao texto: comunicar, chegar ao seu interlocutor e fazer sentido para ele.

3. Metodologia

A proposta para as aulas de produção de textos foi elaborada com o objetivo de despertar o interesse do aluno para leitura e escrita a partir do estudo de contos de mistério, suspense e terror.



Foram desenvolvidas oficinas com alunos: Leitura de contos (suspense, mistério, terror) previamente selecionados: Missa do galo (Machado de Assis); Passeio noturno (Rubem Fonseca); A caolha (Júlia Lopes de Almeida); O caso de Ruth (Júlia Lopes de Almeida); O gato preto (Edgar Allan Poe); O retrato oval (Edgar Allan Poe). Após a leitura dos textos houve o compartilhamento da leitura realizada e análise dos contos feita entre os alunos. Para se chegar a produção escrita, a tipologia narrativa e o gênero conto foram estudados. A produção escrita de contos de suspense, mistério, terror aconteceu inicialmente com os alunos de Gouveia, que foram os responsáveis pela primeira versão do texto. Após uma primeira correção feita pelos produtores dos textos, a primeira versão foi encaminhada aos alunos de Diamantina, que após a leitura deram sugestões para que o texto pudesse ser melhorado, essas propostas tinham em vista que os colegas conseguissem atingir o objetivo proposto: produção de textos de mistério/suspense. Novamente nas mãos dos primeiros produtores, os textos passaram por uma reescrita a partir da sugestão dos colegas/leitores. O texto transitou entre as turmas para reescrita várias vezes até que se chegasse a uma versão definitiva e satisfatória de acordo com os parceiros de escrita.

Por meio do processo cooperativo entre alunos, desenvolvem-se habilidades como: expressar opiniões, argumentar, contra argumentar, saber ouvir. A escrita é um processo dialógico, um ato de interlocução destinado a cumprir uma determinada finalidade.

Passarelli (2012) esclarece que

[...] para escrever é preciso, muito empenho e reflexão, elaborando texto (s) provisório (s), revisando, revisando e revisando, trocando ideias, buscando mais informações, conversando com outras pessoas e, às vezes, reescrevendo tudo mais uma vez, é que os escritores conseguem escrever o que pretendiam dizer. E nem sempre ficam satisfeitos.

Importante que os alunos saibam que a escrita é um processo que vai se construindo, é preciso refazer para acertar, dar chance ao texto de ser modificado para ir se adequando e se aproximando gradativamente do objetivo pretendido.

Não só os professores, mas os alunos precisam entender que a reescrita é parte do processo de escrita e amplia as possibilidades de expressão da língua. Com a reescrita pode-se perceber os equívocos do texto e então melhorá-lo.

A leitura realizada pelos colegas é uma estratégia que funciona, e bem, mas não pode e não deve substituir a leitura do professor. Cabe ao professor o olhar mais apurado, o senso crítico que norteará a reescrita do texto.

Ruiz diz

[...] o trabalho de retextualização realizado pelo aluno que revisa em função de uma correção do professor não é um trabalho solitário, como a princípio pode parecer (muito embora a



solicitude da tarefa de escrita lhe seja imanente). Esse seu trabalho é, necessariamente, e pela própria natureza, um trabalho a quatro mãos. De modo que toda e qualquer consideração que se faça a respeito do maior ou menor sucesso do aluno na tarefa de revisão (retextualização) deve inalienavelmente levar em conta a participação efetiva do mediador (o professor) no processo como um todo. (Ruiz, 2012, p 26)

4. Análise de Dados

A atividade desenvolvida propôs que os alunos escrevessem contos de mistério/suspense que integrariam a mostra de trabalhos apresentados pela turma na semana literária que é realizada anualmente na escola. Como a turma estudava o gênero conto e demonstrava grande interesse pela temática mistério/suspense, a ideia foi acolhida com entusiasmo. Os contos produzidos por eles seriam lidos pelos autores em um momento da mostra dos trabalhos: “o sarau”.

O trabalho mostrou que o processo de reescrita, tão importante no trabalho de produção de texto, pode ser realizado, e com sucesso, quando o aluno consegue ver nessa tarefa um sentido. As reescritas realizadas mostraram o quanto os textos podem ser melhorados. Uma primeira versão é muito pouco diante do que a reescrita pode acrescentar.

As produções dos alunos mostraram o que já sabíamos, todos precisamos escrever e reescrever para chegarmos ao texto “ideal”, a versão final. Inicialmente os alunos disseram estar inseguros quanto ao que haviam escrito, que não sabiam o que escrever mais, que não tinham ideias. Uma primeira leitura, uma primeira correção e a possibilidade de mexer novamente no texto foi importante: acrescentando, cortando, mudando palavras de lugar, alterando a pontuação, trazendo informações/ideias novas. Os textos reescritos ganharam outras formas, essas melhores. Os alunos sentiram-se mais seguros, sentiram-se “escritores”, entenderam que a produção de um texto não é tarefa fácil, leva tempo, mas que com persistência e boa vontade pode se tornar uma atividade prazerosa, rica e cheia de sentido.

De acordo com Costa Val (2009), ao orientar o aluno sobre o aprimoramento de seu texto, estamos colaborando para a reflexão sobre a escrita, ajudando-o a pensar e justificar determinadas preferências como sendo mais ou menos adequadas. Esse olhar sobre o texto contribuirá para que o aluno tenha domínio da escrita em suas diversas formas e funções.

O professor precisa ter clareza da sua tarefa nas aulas de produção de textos para não ter dificuldade de conduzir o aluno pelas etapas que precisa percorrer para alcançar o produto desejado.

5. CONCLUSÃO

A produção textual é um momento importante para que reflexões acerca dos usos da escrita aconteçam. O reconhecimento do texto só se dará quanto tivermos muito claro qual o nosso objeto de



ensino, qual é o conceito que temos desse objeto, e onde queremos chegar. Produzir um texto é comunicar-se, mas escrever é uma atividade complexa, que requer do escritor habilidades; só se aprende a escrever, escrevendo. Propor ao aluno atividades de reescrita, é importante para que ele se comprometa mais com o trabalho de produção de texto.

As dificuldades nas aulas de produção de textos estão longe de ser resolvidas, o que existem são possibilidades que podem ajudar o professor a aprimorar seu trabalho e orientar melhor os alunos na atividade escrita. As reflexões aqui apontadas pretendem orientar para uma prática que funcione de maneira mais fácil e eficaz. Esperamos que surjam outras reflexões, originando outros trabalhos que abordem a temática da escrita e reescrita textual, pois, é urgente pensarmos alternativas para auxiliarem professores e alunos a enfrentarem as dificuldades ao trabalharem na perspectiva do sociointeracionismo, principalmente na escrita e reescrita textual.

Referências

COSTA VAL, Maria da Graça. Redação e Textualidade. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

COSTA VAL, Maria da Graça; et al. Avaliação do texto escolar: Professor-leitor/aluno-autor. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

GERALDI, João Vanderley (Org.). O texto na sala de aula. São Paulo: Anglo, 2012.

LEITE, S. A. S. (org.) Alfabetização e letramento – contribuições para as práticas pedagógicas. Campinas, Komedi/Arte Escrita, 2001.

MENEGOLO, Elizabeth Dias Wallace; MENEGOLO, Leandro Wallace. O signifiça da reescrita de textos na escola: a (re) construção do sujeito autor. In.: Ciências & Cognição. v. 5, p. 73 - 79. Março/2005. ISSN: 1806-5821. Disponível em: www.cienciasecognição.com.org.

PASSARELLI, Lílian Chiuro. Ensino e correção na produção de textos escolares. São Paulo: Telos, 2012.

RUIZ, Eliane Donaio. Como corrigir redações na escola: uma proposta textual-interativa. São Paulo: Contexto, 2013.

SUASSUNA, L. Ensino de língua portuguesa: uma abordagem pragmática. Campinas: Papirus, 1995.